



## **CONFIGURAÇÕES DE GÊNERO E SENTIDOS SOCIAIS DO TRABALHO FEMININO: O CASO DA LAVANDERIA COMUNITÁRIA DE MURIAÉ/MG**

FARIAS, Rita de Cássia Pereira

*Professora do Programa de Pós- Graduação em Economia Doméstica*  
rcfarias@ufv.br

RODRIGUES, Aline de Oliveira

*Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica*  
aline.o.rodrigues@ufv.br

49

### **RESUMO**

Este trabalho busca compreender as configurações de gênero e os sentidos sociais que são atribuídos ao trabalho feminino, principalmente o trabalho atrelado às atividades domésticas. A proposta se justifica porque após a Primeira Guerra Mundial, ocorreram muitas mudanças envolvendo a inserção da mulher no mundo do trabalho, com notáveis conquistas. Apesar desses avanços, ainda convivemos com diferenças significativas na ocupação dos postos de trabalho e nos salários diferenciados, atrelados, principalmente às questões de gênero. Assim, procuramos entender como a categoria temporalidade tem fundamentado os sentidos do trabalho de “lavar roupas” na lavanderia comunitária “ALASTE”, cujo trabalho tem sido visto como eminentemente feminino. Buscamos analisar as vivências e saberes e uso do tempo dedicado a essas atividades, procurando compreender as construções sociais que orientam os sentidos e as condições do trabalho feminino na realidade estudada.

**Palavras-chave:** Gênero, Trabalho Feminino e Trabalho Doméstico.

### **ABSTRACT**

This work seeks to understand the configurations of gender and the social meanings attributed to women's work, especially the work linked to domestic activities. The proposal is justified because after the First World War, many changes involving the inclusion of women in the working world, with notable achievements occurred. Despite these advances, we still live with significant differences in occupation of employment and differentiated, tied mainly to gender wages. So we try to understand, in a gender perspective, as the category temporality has reasoned way the work of "washing" the communal laundry "ALASTE" whose work has been seen as eminently feminine. We analyze the experiences and knowledge and use of time devoted to these activities, the gender perspective, seeking to understand the social constructs that guide the senses and the conditions of women's work actually studied.

**Key-words:** Gender, Labour and Women's Domestic Work.



## DESENVOLVIMENTO

Este trabalho trata de uma proposta de pesquisa de mestrado que tem como intuito investigar aspectos ligados ao trabalho feminino em uma Associação das Lavadeiras do Bairro Santa Terezinha - ALASTE, da cidade de Muriaé- MG. Esta funciona a partir de um convênio com a prefeitura desse município, onde trabalham cerca de 20 mulheres que, se dividem em dois turnos de trabalho um matutino e outro vespertino e que através da remuneração obtida com este serviço, sustentam a si e auxiliam no sustento de suas famílias.<sup>1</sup>As mulheres que buscaremos trabalhar nesta pesquisa, em sua maioria são residentes do bairro onde se localiza a lavanderia ou em alguns casos de bairros vizinhos. O trabalho na lavanderia foi para várias delas a primeira inserção no mercado de trabalho formal e também a primeira vez que tiveram a oportunidade de ganhar o “próprio dinheiro”. Diante da possibilidade de trabalhar na lavanderia em apenas um turno, essas mulheres que eram majoritariamente donas de casas, viram na lavanderia uma perspectiva de trabalho e geração de renda que possibilitaria conciliar o trabalho remunerado com trabalho doméstico relativo às tarefas de casa e cuidados com os filhos. Por outro lado, a inserção na lavanderia seria facilitada por ser uma atividade que elas já executavam em seus lares e também por não requerer especialização, já que elas tinham baixa escolaridade.

Dessa forma, a intenção deste artigo é discutir o referencial teórico que possa sustentar as análises relativas à subjetividade inerente ao trabalho feminino na lavanderia, suscitando algumas questões a serem investigadas.

---

<sup>1</sup> A lavanderia ALASTE foi implantada em 1980, funciona como extensão do espaço doméstico das moradoras do bairro, que poderiam higienizar as roupas de sua família ou trabalhar como prestadora de serviços a terceiros. Nessa época havia apenas um espaço com tanques de lavar e água corrente a céu aberto. A partir de 2003, o espaço foi reformado e um grupo de 21 mulheres do bairro fez um curso, onde aprenderam sobre o aperfeiçoamento de alguns processos de higienização de roupas como tirar manchas, separar as roupas e assim foram estabelecidas as regras e normas para o funcionamento da lavanderia. Os serviços eram prestados para qualquer pessoa física ou jurídica que tivesse interesse. No decorrer do nosso trabalho ficou claro que a maior parte dos clientes eram pessoas que residiam em bairros vizinhos e também alguns setores da própria prefeitura. O prefeito da época apoiou o grupo, financiando as instalações e os equipamentos. Atualmente a lavanderia comunitária cobra pelos serviços prestados e a prefeitura colabora com algumas despesas, como água e energia elétrica. A partir de fevereiro de 2012, atendendo às demandas do grupo, por intermédio da EMATER local e da prefeitura municipal, foi iniciado um trabalho visando capacitar novas lavadeiras para a composição do quadro de funcionários. A intervenção teve início com a realização de uma pesquisa com o objetivo de levantar dados sobre: normas e regras da lavanderia, processos de higienização das roupas, relacionamento com o cliente, relacionamento com os colegas de trabalho, utilização de EPI's e higiene pessoal e do ambiente. Após realização da pesquisa e posteriormente com a realização dos cursos de capacitação, algumas das participantes foram escolhidas para ingressarem na lavanderia, esta escolha se baseou no desempenho durante os cursos.



Procuramos discutir as configurações de gênero e sentidos sociais que são atribuídos ao trabalho feminino, considerando que tradicionalmente, o trabalho de lavar roupas tem sido visto como uma atividade eminentemente feminina. Apesar de a sociedade considerar como um valor o fato de as pessoas usarem roupas limpas e se apresentarem bem, a atividade de lavar roupa tem sido pouco valorizada socialmente, sendo este trabalho visto como pouco qualificado. Desta forma, buscamos, com este trabalho, entender dentro deste grupo as diferentes nuances e significados de que se reveste o trabalho feminino, procurando compreender as especificidades de gênero, classe e também a especificidade e importância do tempo na articulação das atividades exercidas pelas mulheres, dentro e fora dos lares.

Essa discussão torna-se relevante porque antes da Revolução Industrial, o trabalho de homens e mulheres era realizado no espaço do lar e suas adjacências, sendo que marido, esposa e filhos trabalhavam coletivamente, em prol do sustento familiar. Após a revolução Industrial, houve separação do trabalho produtivo, desenvolvido pelos homens no âmbito das indústrias, e o trabalho reprodutivo feminino, desenvolvido pelas mulheres no âmbito do lar.

Conforme Durham (1983, p. 30) os grupos denominados “famílias”, são estruturadas pelos princípios de aliança entre seus membros, sendo organizados internamente pela divisão sexual do trabalho. São orientados, em parte, pelo modelo de família vinculado à elaboração cultural do fenômeno da reprodução biológica. Este modelo reforça a necessidade da “mulher”, responsável pela reprodução biológica, educar e cuidar da saúde dos seres humanos no domicílio.

Nessa divisão sexual do trabalho, cabem aos “homens” as atribuições de prover, através do trabalho realizado “fora de casa”, como chefe de família, o sustento de sua esposa e de sua prole. Nesse processo, o trabalho masculino fora de casa tem sido visto como algo valorizado socialmente, por ser gerador de valor de troca, enquanto o trabalho doméstico feminino tem sido visto como não trabalho, por não ser gerador de valor de troca, mas de valor de uso, apesar da grande carga laboral a qual as mulheres estivessem submetidas. Conforme Durham (1983, p. 33), “a ocupação feminina é definida como ‘ajuda’ ao marido e, portanto subordinada e meramente complementar no que diz respeito à manutenção da casa”

Aos poucos, essa condição começou a mudar, sendo que as Guerras Mundiais tiveram grande relevância para a mudança no cenário profissional feminino, pois as mulheres assumiram os postos de trabalho dos homens, desmistificando a idéia de sua incapacidade e



fragilidade. Com isso, inicia-se um período de muitas mudanças envolvendo a participação da mulher no mundo do trabalho, com, notáveis conquistas. Apesar desses avanços, ainda convivemos com diferenças significativas na ocupação dos postos de trabalho e nos salários diferenciados, atrelados, principalmente às questões de gênero e classe.

Em função da inserção no mercado de trabalho, conforme Castells (2002), em muitos casos, as mulheres passaram a ser a principal provedora de seu lar. Nesse cenário, as lutas feministas contribuíram para que elas deixassem de ser esposa e mãe em tempo integral e tivessem a oportunidade de refazerem sua identidade como profissional, mãe e esposa. Contudo, estas conquistas não atenuaram por completo as divergências no que se refere à questão de gênero. Coelho (apud AUN et. al., 2006), diz que, mesmo existindo todas estas mudanças, a questão da desigualdade de gênero ainda não foi extinta, mas sim repensada.

As construções sociais que existem em torno de questões relacionadas a gênero são muito fortes, porém o contexto no qual estamos inseridos hoje demonstra algumas mudanças, principalmente relacionadas à inserção da mulher no mercado de trabalho “fora de casa”. Bila Sorj (2000) mostra-nos que vários questionamentos a respeito da questão de gênero foram surgindo ao longo do tempo, onde diferenças de gênero estabelecidas e justificadas, até pouco tempo atrás, como verdades eternas pelo discurso do senso comum e concebidas, em algumas abordagens sociológicas, como um pré-requisito funcional da sociedade moderna, passam, a ser contestadas por diversos estudos.

Neste contexto em que as divergências entre gênero permanecem intensas em nossa sociedade é crucial colocar em evidência os trabalhos realizados por mulheres, principalmente aquelas das camadas populares, que sofrem as agruras da pobreza e das desigualdades sociais. Assim buscamos compreender as diferentes vertentes que envolvem o trabalho feminino dentro deste grupo, pois, a nosso ver, este apresenta características fundamentais para que as perspectivas de gênero sejam melhor compreendidas.

A proposta deste trabalho é compreender o papel social de mulheres que atuam na lavanderia comunitária localizada em um bairro pobre do município de Muriaé/MG, que desenvolvem conjuntamente a atividade de lavar roupas sendo esta uma questão importante a ser discutida, uma vez que a formação deste grupo de trabalho é crucial para estas mulheres, tanto em questões econômicas, quanto em termos de inserção social.



As ideias deste de trabalho baseiam-se no entendimento dos significados e práticas que se dão em torno desta atividade. Busca-se identificar a inter-relação entre trabalho remunerado de lavar roupas e o trabalho de reprodução familiar realizado por estas mulheres, verificando os "saberes populares" praticados pelo grupo, identificando as possíveis redes sociais e políticas públicas que influenciem o trabalho do grupo, além de buscar compreender, em uma perspectiva de gênero, como a categoria temporalidade tem fundamentado os sentidos do trabalho de lavar roupas, possibilitado conjugar trabalho familiar e participação na lavanderia comunitária.

Para Guacira Louro (2001:21) o conceito gênero refere-se às características que se atribuem ao feminino e ao masculino que envolve definições históricas e socialmente construídas nas e pelas sociedades. "O termo feminino e masculino não são definidos pelas características sexuais que diferem corpos de "homens" e de "mulheres", mas pelas representações e valores socialmente construídos, em uma dada sociedade e em dado momento histórico, em torno desses dois sexos".

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. O trabalho de construção simbólica se complementa e se realiza em uma transformação profunda e duradoura dos corpos, isto é, em um trabalho e por um trabalho de construção prática, que impõe uma definição diferencial dos usos legítimos do corpo, sobretudo os sexuais, e tende a excluir do universo do pensável e do factível tudo que caracteriza pertencer ao outro gênero (...) (Bourdieu, 2003, p.20-33).

A inserção da mulher no mundo do trabalho, ao longo desses anos, vem acompanhada de elevada discriminação, não só em relação à qualidade de ocupações que têm sido criadas tanto no setor formal como no informal, mas no que se refere à desigualdade de remuneração entre homens e mulheres. (MAIA; LIRA, 2004). Observamos que mesmo com todas as mudanças e até mesmo com a maior participação de mulheres em alguns setores, ainda existem distinções entre os salários de homens e mulheres. Conforme Góis (2009) os rendimentos mensais da "mulher" ainda são inferiores aos dos "homens" nas mesmas ocupações. O autor considera que esta desigualdade ocorre até mesmo em atividades onde os sujeitos do sexo feminino são majoritários, como nos serviços domésticos (94% de "mulheres") e nos serviços de confecção de peças de vestuário (80% de "mulheres").



Assim notamos que apesar de maior participação da “mulher” no mercado de trabalho, essas ocorrências não anulam representações e práticas que reforçam a desigualdade entre “homens” e “mulheres”.

Apesar de vivermos sob a imposição de um modelo de divisão sexual do trabalho, Rago (1998) defende que este modelo nem sempre é percebido na realidade empírica, muitas vezes pela sua inoperância e pela impossibilidade de acontecer na prática. O sujeito não deve ser tomado como ponto de partida, mas considerado dinamicamente como efeito das determinações culturais, inserido em um campo de complexas relações sociais, sexuais e étnicas. A “mulher” não deveria ser pensada como uma essência biológica pré-determinada, anterior à história, mas como uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos e saberes instituídos socialmente.

Segundo Gelinski e Ramos (2004), a inserção gradativa das “mulheres” no mercado de trabalho contribuiu de certa forma, para acentuar contradições ao modelo de família patriarcal que fundamentou, em grande parte, representações e práticas no contexto das unidades familiares. Para estes autores, na sociedade econômica patriarcal em que a relação entre grupos dominadores e dominados era reforçada, a “mulher” era, também, vítima do domínio do “homem”.

Quando analisamos questões que envolvem trabalho e gênero, precisamos pensar o indivíduo dentro de suas relações e não como uma pessoa isolada. Percebemos a todo o momento que existem diversas relações entre os indivíduos e são estas relações e interações que determinam muito de nossa sociedade e dos rumos por ela tomados e isto não seria diferente dentro das abordagens envolvendo gênero e trabalho. Weber em algumas de suas obras, como por exemplo, “Economia e Sociedade” deixa claro a idéia e a importância das relações entre os indivíduos para se pensar a sociedade. O autor considera a necessidade de pensar a relação entre um indivíduo e outro e não a sociedade de forma geral, esta foi uma de suas grandes contribuições enquanto estudioso, pois não procurava pensar a sociedade enquanto uma estrutura por completo, mas sim os indivíduos que pertenciam e que muitas vezes determinavam essa estrutura. Sua grande contribuição foi pensar a ação social e não a estrutura social como um todo, esta é uma importante corrente de pensamento para relacionarmos com as questões de gênero, uma vez, que para discutirmos esta temática, precisamos entendermos tanto





a socialização feminina quanto a masculina, buscando compreendê-las de uma forma conjunta e não isoladamente.

Dentro das teorias elaboradas por Weber, nasce o conceito de ação social, que segundo ele é:

Orientada pelo comportamento de outros, seja este no passado, presente ou esperado como futuro (vingança por ataques anteriores, defesa contra ataques presentes ou medidas de defesa para enfrentar ataques futuros. Os “outros” podem ser individuais e conhecidos ou uma multiplicidade indeterminada de pessoas completamente desconhecidas. (WEBER, 1991, p.14)

A ação social é muito importante para compreendermos melhor trabalhos que envolvam relações de gênero, pois quando as analisamos, precisamos compreendê-las a partir das relações sociais que se estabelecem entre homens e mulheres nas diferentes esferas, para que assim consigamos efetuar estudos que “desnaturalizem” estas concepções que estão tão asseguradas em nossa sociedade.

Weber (1991), também trabalha com a ideia de “relação social” que para ele, consiste completa e exclusivamente no comportamento que se orienta quanto ao seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes e que se orienta por essa referência. Portanto, diz respeito a ações de diversas pessoas, ou agentes, dotadas de sentimentos mutuamente relacionadas, e a conduta se orienta por sentidos compartilhados por todos. Quando pensamos em relações sociais e a relacionamos com o grupo a ser estudado, fica claro a importância dessas na constituição da vida social dos indivíduos, que em muitos casos nunca tiveram a oportunidade de trabalhar fora de casa, ou mesmo nunca se submeteram a ações como as estabelecidas na lavanderia. No momento que se inserem na lavanderia estes sujeitos sociais passam a compartilhar alguns sentimentos e condutas que por vezes são determinantes em suas vidas e na vida de seus familiares.

A inserção das mulheres em trabalhos menos valorizados como uma lavanderia comunitária está muitas vezes atrelado ao fato destas não alcançarem melhores oportunidades no mercado de trabalho e também pelo fato de muitas vezes terem que exercer outras atividades como as domésticas, por exemplo, praticando assim duplas ou triplas jornadas de trabalho. Essas implicações da dupla jornada de trabalho acometem, na maioria das vezes, as mulheres já que a sociedade as legou a responsabilidade com o trabalho de reprodução no espaço doméstico. Um estudo divulgado, em 2012, pela Organização Internacional do Trabalho (OIT)



informou que os homens trabalham, em média, 43,4 horas por semana no mercado de trabalho e outras 9,5 horas em casa, perfazendo uma jornada semanal de 52,9 horas. Ao mesmo tempo, as mulheres têm uma jornada total de 58 horas semanais, sendo 36 horas no mercado formal de trabalho e 22 horas em casa. A baixa escolaridade é um fator determinante nestas situações, pois faz com que estas mulheres optem por atividades informais onde elas tenham a possibilidade de geração de renda e de articulação entre as diferentes atividades exercidas como o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

Segundo Cruz (2006), as trajetórias de socialização, de homens e mulheres, na família e no mundo do trabalho implicam na ocupação diferenciada dos espaços, privado e público, em especial dos espaços, da casa e de trabalho.

As grandes mudanças que vem ocorrendo no mercado de trabalho influenciam fortemente as mudanças relacionadas também aos papéis sociais ocupados por homens e mulheres. Segundo Sorj (2000), o mundo do trabalho é apenas uma das dimensões de um amplo espectro de transformações radicais que afeta nossas vidas e que está a desafiar a nossa imaginação sociológica.

A idéia desta pesquisa não é discutir o trabalho puramente como uma atividade financeira, mas como atividade capaz de formar sujeitos políticos e sociais capazes de pensar e articular-se enquanto grupo. Neste sentido, Bila Sorj (2000), deixa claro que:

[...] o trabalho constitui a principal referência que determina não apenas direitos e deveres, diretamente inscritos nas relações de trabalho, mas principalmente padrões de identidade e sociabilidade, interesses e comportamento político, modelos de família e estilos de vida, vem sendo amplamente revista. Novas categorias de análise como identidades”, estilos de vida” e movimentos sociais ganham preeminência e asseveram, implícita ou explicitamente, que o trabalho e a produção perderam sua capacidade de estruturar posições sociais, interesses, conflitos padrões de mudança social. (SORJ, 2000, p. 25).

Temos que ter em mente, que estas concepções que Sorj argumenta em relação ao trabalho nem sempre foram assim, quando observamos alguns estudos e teorias clássicas, fica evidente para nós que o trabalho anteriormente tinha um caráter bem diferente do apresentado. Antes o trabalho era visto como algo que inferiorizava as pessoas, para entendermos isto basta pensarmos na história do Brasil especialmente no período escravocata, onde percebemos que quem trabalhava eram os escravos. Com o passar do tempo o trabalho foi se modificando aos “olhos da sociedade”, esta mudança muito se relaciona com o modelo capitalista que se





instaurou, o trabalho agora se tornou algo que dignifica que proporcionava uma valorização do indivíduo, e quem não o exerce está fora de um padrão.

Apesar de toda essa discussão dos aspectos positivos que o trabalho adquiriu no decorrer do tempo, observamos que ainda existem muitos pré-julgamentos em relação a algumas atividades, principalmente as atreladas a atividades domésticas.

Falar de atividades domésticas, como é a atividade de lavar roupas, e relacioná-las como uma forma de trabalho foi e ainda é uma questão que gera muitas divergências, visto que para muitos autores como Marx e Ford, estas não podem ser consideradas trabalho por não gerar capital financeiro. Segundo Marx, no processo de trabalho a atividade humana é materializada ou objetivada em valores de uso. O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer a necessidades humanas. (MARX, 1988)

Porém Sorj (2000, p.29) contrapõe-se a esta ideia dizendo que:

[...] as fronteiras entre o trabalho e o não trabalho parecem menos demarcadas à medida que passamos a ver as atividades de lavar, passar, cozinhar, cuidar das crianças e de idosos e tantas outras tarefas domésticas como trabalho remunerado e não remunerado, embora não seja nada aleatório que o trabalho remunerado apareça, em geral, como mais valioso” ou mais real” do que o outro.

Outro aspecto importante a destacarmos no mundo do trabalho são as modificações tecnológicas que este sofreu e também as consequências que estas mudanças proporcionaram.

Segundo Diogo (2005), é fato que o mercado atual passou a exigir um trabalhador capaz de operar máquinas altamente sofisticadas e caras, trabalhar em equipe, adaptar-se a mudanças bruscas no processo de produção, ser capaz de exercer várias funções, entre outras demandas. E isso em grande parte se deu pelo desenvolvimento industrial que cada vez mais, exige profissionais qualificados. Segundo este mesmo autor, a busca pela qualificação profissional, em muitos casos torna-se uma desculpa para a exclusão de determinados grupos, fazendo com que estes indivíduos sejam responsabilizados pela situação econômica e social injusta em que vivem. Observa-se no mundo do trabalho em que vivemos que existe uma valorização grande das coisas e esquece-se da valorização das pessoas enquanto seres humanos dotados de saberes, valores e sentimentos.



O grupo que nos propusemos a discutir nesta pesquisa, se uniu para realização de atividades que de certa forma contribuíram para dar sentido a suas vidas e mesmos para ultrapassar barreiras impostas pela sociedade. Notamos que mesmo esta atividade não sendo tão reconhecida e digna de prestígio social, ela proporcionou a estas mulheres de camadas populares, alguns avanços que sem este trabalho muito dificilmente elas conseguiriam. Além da questão econômica, onde elas passaram a ter acesso a um salário fixo, elas passaram a estabelecer relações sociais umas com as outras, onde trocas, conversas e convívio em grupo passaram a fazer parte de seu cotidiano, nos primeiros contatos realizados observamos que as questões sociais eram tão importantes quando as financeiras e em alguns casos até mais importante, pois proporcionou mudanças significativas na vida destas mulheres.

Quando pensamos na organização dos indivíduos em grupos, conseguimos fazer referência as obras de Bourdieu, que proporcionou grandes contribuições com alguns de seus conceitos, principalmente o conceito de capital social.

Segundo Bourdieu, (1998) capital social pode ser entendido como:

O conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de inter-conhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis.

O conceito de capital social tem como pressuposto a ideia de que a participação em grupo e o envolvimento das pessoas nestes, pode contribuir de forma positiva tanto para o indivíduo quando para o grupo em geral. Isso é confirmado quando analisamos a “Associação de Lavadeiras” de Muriaé, uma vez que observamos vários aspectos positivos na constituição deste grupo e a importância que este teve na vida social dos indivíduos. Algumas abordagens mostram que o capital social é um atributo individual que permite o acesso a recursos diferenciados, ou seja, nem sempre são de natureza econômica, podem ter relação com outros tipos de capital como, por exemplo, o capital simbólico e o capital cultural. É evidente este acesso aos diferentes tipos de recursos pelos grupos sociais e isso não é diferente na lavanderia comunitária, em muitos casos os aspectos simbólicos e culturais se apresentam como mais significativos para estas pessoas do que o econômico.



Quando trabalhamos com conteúdos que envolvem a temática capital social, torna-se difícil desvinculá-la de algumas percepções a respeito das redes sociais. Uma vez que quando mais pessoas e grupos você possui a sua volta muito maiores e melhores serão suas redes sociais.

Portes (2000) alega que: as redes sociais não são um dado natural, tendo de ser construídas através de estratégias de investimento orientadas para a institucionalização das relações do grupo, utilizáveis como fonte digna de confiança para aceder a outros benefícios. Neste sentido entendemos as redes sociais como um aspecto importante dentro do capital social, pois ambos necessitam de relações sociais seja entre grupos ou indivíduos para que se manifestem de forma positiva.

Compreender nesta discussão, como as redes sociais estabelecidas no espaço de trabalho público têm fundamentado representações e práticas em torno do trabalho doméstico é uma importante questão, visto que muitas das mulheres que atuam na lavanderia precisam do apoio destas redes sociais, para assim articularem vida pública e privada, ou seja, trabalho remunerado e trabalho doméstico, as redes sociais para estas mulheres de camada popular apresentam-se como fonte de apoio crucial.

Todos os que vivem em sociedade estão, de alguma forma fazendo parte de uma rede, que pode ser entendida como uma forma de ação coletiva, podendo oferecer ajuda em diversas situações. De acordo com Stotz (2009), as redes sociais podem ser organizadas em nível local, municipal ou nacional e podem ser de dois tipos: redes primárias que se refere às relações significativas que uma ou mais pessoas estabelecem diariamente durante suas vidas e as redes secundárias que se formam pela atuação coletiva de instituições, de grupos e movimentos que defendem interesses comuns.

Diante das discussões acima fica evidente a importância de trabalhos que coloquem em discussão os sentidos sociais que o trabalho assume, bem como sua relação com as construções sociais de gênero. Cyrino (2009) enfatiza que: “é importante estudos que considerem a dimensão do trabalho como categoria central de análise das relações de gênero, já que esta categoria incorpora, historicamente, visíveis relações de desigualdade e de poder assimétrico entre homens e mulheres. (Cyrino, 2009, p.68)”. Assim compreendemos que estas discussões são cruciais para que as ações no mundo social possam ser mais bem entendidas. Este embasamento teórico nos auxilia na prática de contextualização e mesmo na prática de perceber



as diversas esferas da vida que por muitas vezes passam-nos como coisas naturais, fazendo assim com que esqueçamos o papel importante das “construções sociais” em nosso meio.

Os dados apreendidos nos contatos onde as intervenções e capacitações foram realizadas demonstraram que apesar do pouco rendimento e da dificuldade em realizar esta atividade, as mulheres consideravam-na como de grande importância. Um trabalho necessário considerando a dificuldade que enfrentavam para conseguir um emprego com melhores condições. Obstáculos relacionados ao nível de escolaridade e às condições de gênero contribuíam para reforçar as dificuldades encontradas no mundo do trabalho. As construções sociais que determinavam o tempo de trabalho nos espaços privado e públicos contribuíam para desvalorizar o trabalho das mulheres, mesmo quando demandava mais tempo para ser realizado.

Contudo, com essa reflexão foi possível compreender a temporalidade como uma categoria socialmente construída e como as construções de gênero têm ancorado o tempo que fundamenta a organização do trabalho social.

Após a elaboração das discussões acima, fica evidente a importância de trabalhos que coloquem como temas centrais de suas discussões categorias analíticas como trabalho e gênero, uma vez que estas são fundamentais para a compreensão de diversos processos históricos envolvendo a posição social ocupada por homens e mulheres dentro de nossa sociedade.

Investigar, em uma perspectiva de gênero, a inter-relação entre trabalho de reprodução familiar e trabalho remunerado deve ser uma questão melhor compreendida, uma vez que mesmo com todas as mudanças ocorridas às diferenças entre homens e mulheres persistem no mercado de trabalho trazendo assim diversas consequências que precisam ser melhor exploradas.

A perspectiva deste trabalho é contribuir para estudos na área de sociologia e antropologia, para uma maior compreensão das experiências e dos sentidos de ser uma trabalhadora na área de higiene de roupas, que é historicamente uma atividade desvalorizada socialmente, buscando analisar os “sentidos” deste trabalho, que para muitas foi à primeira oportunidade de inserção no mercado de trabalho formal e de certa forma um primeiro passo na superação de algumas barreiras sociais.

Por fim, acredito que muitas pesquisas ainda devam ser realizadas para compreender os problemas acima citados, pois mesmo com o passar do tempo muitas questões ainda merecem



ser exploradas e melhor compreendidas. Também acredito na importância da articulação entre os diversos autores sejam eles clássicos ou contemporâneos, visto que o entendimento e a articulação das teorias nos fazem mais firmes em nossas posições e nas possíveis teorias criadas.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O capital social – notas provisórias**. In: CATANI, A. & NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. **Dominação masculina**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 160p.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 530p.
- COELHO, Sônia Vieira. Abordagens psicossociais da família. In: AUN, Juliana Gontijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves de; COELHO, Sônia Vieira. **Atendimento sistêmico de famílias e redes sociais: fundamentos teóricos e epistemológicos**. 2º edição. Belo Horizonte: Opicina de Arte e Prosa, 2006. p. 143 – 233.
- CRUZ, Tânia Cristina da Silva. **"Qual é o teu trabalho mulher?"**: mulheres empreendedoras no contexto da economia popular solidária. Brasília. 2006, 396p.
- CYRINO, Rafaela. **Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado**. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº21, jan/jun. 2009, p.66-92.
- DIOGO, Maria Fernanda. **De balde e vassoura na mão: Os sentidos do trabalho para mulheres que exercem suas funções no setor de limpeza e conservação em uma empresa prestadora de serviços em Santa Catarina**. 2005, 130p. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de Santa Catarina.
- DURHAM, Eunice. **Família e reprodução humana**. v. 3. Rio de Janeiro: Perspectiva. 1983, p13-43.
- GELINSKI, Carmen R. Ortiz.; RAMOS, Ivoneti da Silva. **Mulher e Família em Mutação: onde estão os mecanismos de apoio do trabalho feminino**. Mulher e Trabalho (Porto Alegre), PORTO ALEGRE, v. 4, p. 142-148, 2004.
- GOIS, Antônio. **Mulher tem maior renda em 30% das casas**. Folha de São Paulo. Cotidiano. C3. 08 Mar. de 2009.
- GUIMARÃES, José Ribeiro Soares. **Perfil do Trabalho Decente no Brasil: um olhar sobre as Unidades da Federação**. Brasília: OIT, 2012. 400 p.
- LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001. 179p.
- MAIA, Katy; LIRA, Sachiko Araki. **A mulher no mercado de trabalho**. IPEA [www.ipea.gov.br/seminários/artigo11](http://www.ipea.gov.br/seminários/artigo11)>. Data de acesso: 22/08/2014



MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1.

PORTES, Alejandro. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*, nº 33. P. 133-158. 2000

RAGO, Luiza. Margareth. **Epistemologia Feminista, Gênero e Historia**. 1 ed. Florianópolis: editora das Mulheres, 1998.  
[http://www.projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia\\_feminista.pdf](http://www.projcnpq.mpbnet.com.br/textos/epistemologia_feminista.pdf)

SORJ, Bila. **Sociologia e trabalho: mutações, encontro e desencontros**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – vol. 15 nº 43. 2000.

STOTZ, Eduardo Navarro. *Redes sociais e saúde*. In: **Informação, saúde e redes sociais: diálogos de conhecimentos na comunidade de Maré**. Regina Maria Marteleto (org) e Eduardo Navarro Stotz (org). Rio de Janeiro: Ed FIOCRUZ; Belo Horizonte: Ed UFMG, 2009. 176p.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Vol. I. Brasília: Ed. UnB, 1991. Cap I: “Conceitos sociológicos fundamentais” e cap. III: “Os tipos de dominação”. Itens de 1 a 5.